

Universidade Federal de Santa Catarina
Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância

Gládis Perlin
Karin Strobel

Teorias da Educação e Estudos Surdos



Florianópolis 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade à distância

Introduzindo as Unidades	04
Unidade I – Entrando sob a teoria moderna ou tradicional	06
1.1 Situando o objeto da educação moderna na educação de surdos:	07
1.2 As significações vigentes da teoria moderna na sala de aula dos surdos..	08
1.3 Pedagogia e Currículo para surdos na visão moderna	10
1.4 A educação especial e a teoria moderna e o processo de normalização ..	12
1.5 Situando alguns métodos de educação de surdos constantes da teoria moderna.....	14
Unidade II - Ambivalências da Teoria Crítica	16
2.1 Os discursos e as praticas, ou seja, a motivação do sujeito crítico	17
2.2 A teoria crítica em educação: discursos sobre o surdo:	18
2.3 A pedagogia e o currículo de surdos na teoria crítica.....	19
2.4 Alguns métodos sustentados por esta teoria na educação dos surdos.....	20
2.4.1 Comunicação Total que mistura é esta?	20
2.4.2 Nas escolas de surdos, o bilingüismo com aproximação do cultural ...	21
2.4.3 Nas escolas regulares: a diversidade e a integração.....	22
Unidade III - A produtividade dos fenômenos da teoria cultural em Educação	24
3.1 Os Estudos Surdos e a Teoria cultural	25
3.2 Entrando nos Estudos Culturais em Educação de surdos	27
3.3 Práticas discursivas: pedagogia e currículo de surdos	29
Unidade IV - Práticas pedagógicas e curriculares: as visões teóricas.....	32
4.1 Ideologias e praticas pedagógicas e curriculares	33
4.2 Séculos sem pedagogia e currículo surdo	34
4.3 A pedagogia dos surdos na teoria cultural uma visão possível.	36
4.4 O currículo surdo um campo de luta pela identidade	38
4.5 Estudos Surdos – os artefatos culturais a na educação dos surdos	39

Conclusão41
Bibliografia43

Introduzindo as Unidades

*Na valorização da pedagogia surda enfatiza-se a
imersão da filosofia da vida do Ser Surdo. É a
pedagogia que volta e reverbera permanentemente.
É a pedagogia da mesmidade, da identidade
lingüística dos surdos.*

Wilson Miranda

Graduandos. É, de certa forma, produtivo conhecer as diferentes teorias quando se pretende lançar olhares sobre a educação dos surdos. É então que nesta disciplina vamos focar as teorias que movimentam as diferentes concepções da educação dos surdos a fim de entendê-la, compreendê-la e mapeá-la em seu contexto desde sua movimentação histórica na produção de sujeitos.

O que vem a ser a teoria? Esta é uma pergunta de máxima importância para o desenvolvimento desta disciplina. A teoria seria um mecanismo implicado na produção, na invenção, na criação de algo. Ela se move com um objetivo por algo que ela própria cria e inventa. No caso da educação ela determina as posições do sujeito que países ou povos nos diferentes momentos históricos quiseram construir.

Escolhi para estes estudos, pelos quais vamos nos aventurar durante esta disciplina, três diferentes campos teóricos, ou seja o moderno ou tradicional, o crítico, e o da teoria cultural recente. Mesmo que eles não sejam a totalidade de teorias eles podem nos conduzir a uma visão das teorias de educação dos surdos. Três campos de saberes muito diferentes entre si, mas também muito

importantes se quisermos determinar o tipo de sujeito surdo a ser educado que a história focalizou, focaliza e ainda focalizará no futuro.

Teorizar a educação dos surdos sobre estes três aspectos teóricos não é nenhuma atividade neutra. E também não se constitui em novidade. Muitos teóricos, entre eles Skliar (1998) Silva (1999), Veiga-Neto (1998), Costa (2005), Corraza (1997), referem estes princípios que ora sobressaem neste texto. O que acontece de novo é a forma como as coisas vão começando a dar sinais de que estão mudando e sendo entendidas

Antes de penetrar nos assuntos teóricos quero conversar com você sobre uma importância máxima que me preocupa. As poucas leituras em português que estou propondo para esta disciplina. Tenho interesse em saber que você assume o compromisso de ler e se esforçará por fazer isto. Uma boa maneira de ler é conseguir tratar o texto a ser lido como trata de algo instigante, como vê um filme, com um respeito especial. Ler como quem descobre sempre de novo coisas novas, ler e entender são coisas importantes. Pense nisto. Lembre que se precisar, no ambiente virtual você terá muitos amigos para que a qualidade de leitura seja o máximo.

Vamos voltar a teoria. Assim teremos dividir o livro em unidades. Serão quatro unidades que detêm os assuntos teóricos, os quais nos norteiam sob o tema: A educação de surdos em abordagens da teoria tradicional: práticas e discursos. A teoria crítica e os diferentes espaços da inclusão. Os Estudos Culturais, e a teoria cultural na educação de surdos. Práticas pedagógicas e curriculares: as visões nas diferentes teorias.

Espero que você consiga vencer esta etapa e realize um bom estudo, principalmente num momento em que a importância das diferentes teorias converge para a posição de um discurso acertado em educação dos surdos. E igualmente serve para o resgate da pedagogia e do currículo para sejam visualizados em seus diferentes prismas.

Unidade I

*[...] com a modernidade se inaugura não só
um tempo de fabricação da alteridade
deficiente, como também a era da produção
do Outro em geral.*

Carlos Skliar

Entrando nos campos da educação sob a teoria moderna ou tradicional

Iniciamos nossa primeira unidade nos introduzindo no estudo da teoria da educação dos surdos sob a visão moderna. Quero inicialmente argumentar sobre a importância da teoria moderna. É a partir desta visão e da aceitação e da percepção da importância da tradição moderna que será possível entender a virada para outras teorias. A visão moderna teve e ainda tem seu papel na história como suporte ao pensamento crítico e ao pensamento cultural.

Para alguns críticos o modernismo chegou ao ponto de fixar um sujeito e intervir na realidade dos sujeitos direcionando-os a um modelo pré-estabelecido. Assim na modernidade o sujeito é direcionado para a objetividade e a descoberta deste sujeito objetivo torna possível entender a contribuição da modernidade para o aparecimento do sujeito crítico ou cultural.

Desse modo, nesta unidade vamos situar a teoria moderna, seu princípio fundamental, seus objetivos, suas práticas e discursos, ou seja, a motivação para a sustentabilidade do sujeito moderno. Vamos aludir para o currículo na teoria tradicional e estudar práticas educacionais. Vamos olhar algumas abordagens tradicionais na educação dos surdos. Também vamos transitar

com Foucault e olhar a normalidade que tanto prejudicou os surdos com a obrigação de se narrarem não surdos.

Preparem-se para presenciar também alguns horrores desses procedimentos nos espaços surdos, quando esta teoria e o iluminismo caminham próximos a nós.

1.1 Situando o objeto da educação moderna na educação de surdos:

Já de início vamos ao objetivo da teoria moderna em educação que é bastante radical e não admite restrições. Ele se define em proporcionar algo que faça com que todas as coisas, sujeitos e objetivos convirjam para o princípio universal de sujeito. O princípio universal contido neste objetivo consiste no modelo de homem a formar. Nós conhecemos bem que este modelo está delineado no homem branco, europeu, inteligente. Por quê? Porque era a idéia de perfeição, de cultura, de homem ideal, de transcendência.

Vamos ver em Silva o que se entende como parte da teoria moderna na educação:

Seu objetivo consiste em transmitir o conhecimento científico em formar um ser humano supostamente racional e autônomo e em moldar o cidadão e a cidadã da moderna democracia representativa. É através deste sujeito racional, autônomo e democrático que se pode chegar ao ideal moderno de uma sociedade racional, progressista e democrática. (1999:11)

Os princípios do modernismo consistem no aperfeiçoamento do sujeito da educação segundo uma imagem, pois mais objetivam em formar um sujeito moldado e não em propriamente permitir que o sujeito se formasse na sua diferença. Há uma história, uma herança, um fazer pedagógico no modernismo, naquilo que chamamos de educação. Nessa história, a educação remete ao

sujeito do iluminismo. Nossa observação neste campo pode ser também pega pela névoa ou um cruel dizer que é assim que se educa.

E este procedimento também faz parte da educação do surdo. A teoria moderna não poderia deixar de fazer acontecer aquilo que Skliar definiu como sendo o ouvinte o modelo pedagógico para o surdo.

[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narra-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (1998:15)

Nesta definição de Skliar(1998) o objeto da modernidade é fazer com que o surdo se molde de forma a fazer desaparecer sua diferença. O resultado disso é a presença do modelo ouvinte com sua importância e o ser surdo como a personificação do ser deficiente.

No Brasil a teoria tradicional pode ser encontrada naquelas visões coloniais em que fomos levados a adotar a língua portuguesa, os africanos negros foram colocados como escravos. Os índios aprenderam a língua da nação. Visões imperialistas de europeus e norte-americanos são muito presentes. A teoria na educação de surdos pode ser mais bem compreendida como o resultado do legado de doutrinas de supremacia branca, ouvinte.

1.2 As significações vigentes da teoria moderna na sala de aula dos surdos:

O que podemos concluir quando observamos sobre a educação moderna na educação dos surdos? Ou melhor, ainda: por que o que podemos concluir sobre a educação moderna e os surdos? A pergunta por si mesma responde,

pois vimos anteriormente que a educação moderna visa um objetivo, visa fazer do surdo um não surdo. E teoria moderna em educação apresenta uma visão de instrução, de sala de aula, de aprendizados objetivos, conteúdos uniformizados, de modelos a serem copiados. Ela mantém um aprendizado imparcial que neutraliza as posições de poder, política e cultura surda.

No espaço e no tempo da modernidade, instalaram-se comodamente as idéias da imagem do mundo perfeito. Elas remetem aquilo no surdo que somente nomeado deixa automaticamente de ser e se transforma nos corpos e nas identidades, nas configurações do sujeito. Estas transformações são derivadas das profundas e dramáticas obrigações de narrar-se ouvinte seja na família, no trabalho, na religião, na sexualidade, na ciência e no conhecimento, nas gerações e idades do corpo, com a utilização de subjetivação de acordo com o modelo.

Tradicionalmente as escolas modernas de surdos são as que adotaram com esta teoria mecanismos para o desenvolvimento da ordem social democrática e igualitária ou moldar o sujeito para atender esta ordem. No entanto como Silva diz, não há como sair de discursos e conceitos que indicam como deve ser um cidadão.

Na história da modernidade em nome da razão e da racionalidade, frequentemente se instituíram sistemas brutais e cruéis de opressão e exploração. Tanto estruturas estatais quanto estruturas organizacionais de empresas capitalistas supostamente constituídas e geridas de acordo com os critérios da razão e da racionalidade, produzem apenas sofrimento e infelicidade.(1999:112)

Para Silva(1999), a história está cheia de momentos de sistemas brutais. Se você abrir qualquer livro de história da educação dos surdos verá que uma parafernália de praticas, e instrumentos foram utilizados no sentido de corrigir a audição e a fala.

Sistemas de correção que vão desde a obrigação de falar e de escutar. Segue o processo de articular corretamente e repetir insistentemente até a uma certa pronuncia satisfatória. Fichas com palavras para repetir, instrumentos de fala (espátulas) para auxiliar a pronuncia correta. A exposição ao som de forma tátil em algumas partes do corpo bem como a sua percepção pelo ouvido. O aumento excessivo de som, instrumentos de perfuração, de fones, de microfones, instrumentos para produzir som. Estes e outros procedimentos compunham a sala de aula dos surdos. Por outro lado também a obrigação de ser ouvinte, a proibição do uso de sinais e de nada que seja do surdo entrava neste processo sendo reprimida e perseguida toda e qualquer manifestação sendo que castigos, alguns com intensidade, acompanha este processo.

A modernidade também fez com que a história dos surdos seja a história dos educadores de surdos e seus métodos. Ela não permite mais que os meios e técnicas por eles adotados seus discursos de cada tempo, ou seja, a luta deles em relação à mudez e a surdez no surdo. Também é desconfortante para o pesquisador ao notar que os efeitos pedagógicos do professor surdo desaparecem nos campos da teoria moderna.

1.3 Pedagogia e Currículo para surdos na visão moderna

Que pedagogia estaria implicada na modernidade para o surdo? Partindo do principio de Jorge Larrosa que a “pedagogia é o jeito de ensinar”, o sistema de ensino aos surdos, sob a teoria tradicional, esta moldado de forma os pressupostos de uma pedagogia com princípios ouvintes sempre ocuparem um papel central. A cultura do ouvinte sempre esteve presente no jeito de ensinar moderno e arroga a si própria o direito de ensinar os surdos.

No caso o objetivo da pedagogia é direcionado a nós surdos e ele consiste em nos apresentar o homem ouvinte, falante, capaz de entender e incorporar todos os significados de uma língua oral. Nele se percebe que o objetivo é ensinar os

surdos a serem ouvintes. Neste ensinar a objetividade não deixa espaço para a subjetividade. Não há espaço para a construção da subjetividade surda, nem espaço para ser diferente do ouvinte e dessa forma se exclui qualquer idéia de cultura surda, pois a modernidade guarda o conceito único de cultura.

Se você olha para as escolas modernas num dado momento da história moderna, você vai perceber que os alunos estão enfileirados, uniformizados, que tendem a buscar a perfeição cujos objetivos a teria coloca em evidencia. É então aí que surge a representação dos surdos baseada em termos ouvintes¹.

A preocupação com a organização da atividade educacional e a questão do que ensinar aos surdos na visão moderna vem de muito antes de Bobit (1918) ter organizado o livro sobre o currículo. O que o currículo moderno teve a preocupação de ensinar? Se nos referirmos ao conteúdo notamos que nesta unidade já nos referimos à questão de conteúdos que envolviam a audição e a fala e os pesados treinamentos pelos que os surdos passaram. Muitos autores se referiram ao currículo reduzido para surdos. Os conteúdos do currículo moderno para surdos eram voltados para a audição e a fala e minimizados os conteúdos do currículo escolar por se acreditar que os surdos tinham menos capacidade de aprendizagem. Muitas escolas da modernidade adotaram praticas de reabilitação clinica da audição e da fala e de escolarização reduzida devido ao tempo gasto com a reabilitação. Outras adotaram períodos de repetição de séries².

A teoria cria mecanismos no currículo que visa nos estudantes surdos uma ordem social. O currículo da teoria tradicional para o surdo é um pré-requisito para juntar-se a cultura hegemônica, desnudar-se, normalizar-se, desracializar-se e despir-se da própria cultura. Fica a concepção como deficiente, como incapacitado.

¹ Estas representações como já citamos são baseadas que o ouvinte é o normal e o surdo o deficiente.

² São conhecidas as repetições de séries ou etapas. Os surdos tinham de repetir durante dois anos as séries iniciais do ensino fundamental.

E é muito bom nos posicionarmos ante as diferentes pedagogias e currículos modernos que são direcionados para a aquisição de um sistema simbólico como é o do ouvinte, ou seja, da língua oral falada e escrita e ainda de conteúdos escolares próprios. Eles estão presentes ainda hoje em nosso meio. Todos eles enfatizam a necessidade de se colocar para o surdo a exposição a esta língua oral e escrita o mais cedo possível. Compreende-se que é atentar contra os direitos dos surdos e desrespeitá-los em sua integridade caso isto não seja feito. Em tudo reprime, desaconselha ou exclui qualquer manifestação em língua de sinais e qualquer expressão do pensamento de forma visual, pois não tolera a presença da língua de sinais visto que possui um objetivo e o segue. Seu objetivo como falamos no início visa uma pedagogia que poderíamos dizer que é induzir a uma língua.

É preciso cuidar muito esta pedagogia para que não venha a ser o que Daniel Lins (2005: 1236) tem nos mostrado de uma pedagogia que é intitulada por ele como: *“a pedagogia do desastre: falar pelo outro, pensar para o outro, fabricar a criança, o aluno...”* Mesmo que as pedagogias modernas não tenham todos um significado semelhante ao da pedagogia do desastre é preciso ter o cuidado para uma avaliação devida.

1.4 A educação especial e a teoria moderna: o processo de normalização do surdo.

A educação especial é outro exemplo onde a teoria moderna se encaixa. No sentido os surdos são colocados entre aqueles sujeitos nomeados como normais, como deficientes (auditivos, visuais, mentais entre outros). Ela é uma educação mais voltada para as práticas normalizadoras que constituem e sustentam formas de readaptação, cura e medicalização.

O livro de Foucault: Os Anormais (2002) descreveram as figuras de anormalidade em que está a do sujeito a corrigir. O surdo é este sujeito a corrigir e corresponde à imagem do outro deficiente, da alteridade deficiente inventada nos espaços da teoria moderna.

Como ideologia dominante, a modernidade criou a anormalidade num sentido comum com cumplicidades dentro e fora de seu âmbito específico. Uma dessas estratégias foi a de encapsular a pedagogia, levando-a a obsessão com a correção sendo que nessa idéia prossegue, aventurando, prometendo e experimentando a normalização das deficiências.

A construção da noção do “anormal”, diz Lunardi (2006: 8) *constitui um espaço que é possível pensar a sociedade de normalização. Através dele uma série de mecanismos e técnicas foi colocada em funcionamento para homogeneizar a população e torná-la previsível. As normas e os valores da modernidade sobre corpos e mentes normais, disciplinados e belos, constituem o ponto de partida dos discursos, das práticas e da organização das instituições de educação especial.*

De maneira geral, a norma tende a ser implícita, quase que invisível e é esse caráter de invisibilidade o que a faz inquestionável. Os surdos, nesse sentido, são, para a maioria dos ouvintes dotados de perda da comunicação, um protótipo de auto-exclusão, de solidão, de silêncio, obscuridade e isolamento.

Continuam sendo praticadas em educação especial as algumas concebíveis formas de controle como a obsessão por fazer o surdo falar; o currículo localizado na oralidade como conduto do projeto pedagógico; a proibição e ausência da língua de sinais e sua banalização ou inferiorização.

1.5 Citando alguns métodos de educação de surdos constantes da teoria moderna

A teoria moderna deu suporte a muitas práticas educacionais para os surdos. As mais visíveis são aquelas que se atem ao ensino da linguagem falada, na versão ouvinte não apenas como processo de comunicação, mas também como desenvolvimento cognitivo. Esta teoria, bem como todas as que seguem tem produzido alguns métodos que poderiam ser chamados de áudios-orais, ou seja, que dão muito valor à utilização do oral bem como dos restos auditivos nos surdos. Não é minha intenção trazer para aqui a totalidade dos métodos, mas trazer apenas alguns mais conhecidos do imenso repertório de métodos criados com estes procedimentos teóricos relativos ao desenvolvimento da fala e da percepção do som.

Método oral puro: Este método foi o mais praticado. Consistia em articular corretamente cada som. Usava-se a repetição até conseguir o efeito desejado e uma estratégia era o uso do tato, ou seja, o uso das mãos sobre o local de articulação do som no aparelho fonador.

Método Polack: uma técnica praticada de modo a utilizar todos os recursos dando ênfase a audição. Ele se fundamenta na idéia de que o melhor modo de aprender a fala é aprender pela audição. Daí porque expõe o surdo a linguagem auditiva intensivamente.

Método Sanders: que se concentra na pratica de explorar restos auditivos no surdo e une a ênfase na audição com pistas visuais, isto é dá informações auditivas e visuais.

Método Guberina: este método transmite o som da fala diretamente para o corpo do surdo. Tem como principal objetivo o ensino da fala.

Método Vibra-som: Um método que segue o método guberina, mas enfatiza a transmissão do som, aprendizagem pelo contato com o som.

Método Perdocini: trabalha com frequências elevadas de som para que a criança apresente resultados rítmicos na fala.

Concluindo poderíamos dizer que a teoria moderna tinha um objetivo bastante claro inventar um sujeito modelo para todos. A partir deste objetivo foi fixada a idéia da normalidade. Assim em educação do surdo, o sujeito normal era o sujeito ouvinte, falante. A partir daí se estabeleciam metanarrativas que afirmavam não existir nada fora da idéia desse sujeito normal.

Unidade II

Claramente, não há como retornar à teoria crítica que se apóia apenas na dicotomia da “alta/boa” contra “baixa/má” cultura.

Kenneth Thompson

Ambivalências da Teoria Crítica

Em nosso tempo, os surdos têm um impulso para as leituras do mundo que desprezam, e transgridem a ordem da teoria tradicional. Estamos numa posição em que a ordem da teoria crítica enquanto ela nos possibilita a agência de forma política para conquistar espaços. É a ordem da assimilação, da dependência da autorização para continuarmos a ser surdos.

Neste espaço vamos voltar para a teoria crítica, situando o que constitui esta teoria, o princípio que a fundamentam, seus objetivos, atitudes, práticas e discursos, ou seja, a motivação do sujeito crítico. Vamos aludir algumas idéias sobre a pedagogia e o currículo que na teoria é bem mais extenso e caracterizado. Vamos olhar algumas metodologias usadas como abordagens críticas na educação dos surdos.

Historicamente a teoria da educação na teoria tradicional começou a ser contestada nos anos de 1970 quando surgiu a teoria crítica. O multiculturalismo é um dos reflexos mais significativos do fim de uma cultura única. A questão da demanda pelo reconhecimento das diferenças culturais

forma hoje uma parte importante na luta pela inclusão nos campos das escolas regulares.

2.1 Os discursos e as práticas, ou seja, a motivação do sujeito crítico

Considerada como uma transgressão à teoria moderna, a teoria crítica vem fornecendo amplos espaços como uma teoria radical em várias concepções multiculturais. E ela não é em si um conjunto homogêneo de teorias e políticas. Seus aspectos divergem muito. Ela vai do tradicional ao crítico sempre fazendo prevalecer diferentes atuações. Os teóricos críticos quase sempre perseguem o mesmo objetivo: fortalecer o poder daqueles que não o tem e aceitar diversidades existentes a fim de promover integração.

Assume posições de teoria cultural, mas está diante de um ameaçador culturalismo que pode ser evidenciado pelo que diz Thompson (2005:34): *se apóia apenas na simples dicotomia 'alta/boa' cultura contra 'baixa/má' cultura*. Para a cultura surda, a teoria crítica mantém a cultura ouvinte como superior, dominante. A visão desta teoria campeia continuamente nos espaços culturais surdos que são vistos como mais fracos.

Muito embora não se tenha pretensão de dizer aqui que na teoria crítica em educação o sujeito surdo seja narrado com toda uma precisão uniforme como sujeito inferior. Pode-se fazê-lo, no entanto, correndo alguns riscos, dizer que esta teoria vê o sujeito surdo como uma diversidade cultural, com alguns aspectos políticos que envolvem lutas por reconhecimento.

O momento da educação nesta teoria faz com que a escola seja o espaço de diferentes culturas. Os estudantes aprendem a estudar outras culturas não tendo dificuldades em entender as diferenças. Existem várias concepções do multiculturalismo e sobre este aspecto também podemos deduzir que existem varias concepções de educação de surdos.

2.2 A teoria crítica em educação: discursos sobre o surdo

Em algumas linhas que podem identificar a situação da enunciação nesta teoria crítica, vejamos a afirmativa de Bhabha(1998) referente: *O momento enunciatório de crença múltipla é tanto uma defesa contra a ansiedade da diferença como ele mesmo produtor de diferenciações*. Concordo com Bhabha que não está referindo a esta forma particular que temos para negociar nossa diferença, mas a forma com que os ouvintes negociam conosco as questões educacionais. As negociações são presentes constantemente, o que é ambivalente é que, em vista de que alguns destes objetivos, a política pedagógica surda se desenvolve, encontram-se possibilidades de se deslocar.

As formas de rebelião, de mobilização, de subversão, de transgressão que o sujeito surdo provoca são mais salientes quando vistas de fora. Dentro são rebeliões contra a agência da teoria crítica, as obrigações de superar-se, do enquadramento naquela coisa melhor que o outro ouvinte tem, alguns aspectos da mesmidade com suas tendências de programas educacionais. A teoria crítica possui outra visão da teoria moderna, ela se posiciona com tolerância diante do que é do surdo.

Por sua vez a cultura surda diante, desta teoria, cambaleia, pois, por ora aceita o que é do ouvinte, por ora constrói e fortalece a cultura surda. A teoria crítica está aí dizendo aquilo que poderíamos constatar como tolerância: cultura surda é boa, mas a dos ouvintes é melhor e mais completa.

Além de dicotomias presentes como ouvintes/surdos, português/língua de sinais, têm-se os reducionismos, ou seja, a linguagem do menos atribuída aos surdos: a língua de sinais é inferior, a língua de sinais não é completa, o surdo é menos do que o ouvinte, somos/são uma minoria, somos/são uma comunidade, a cultura surda é inferior a do ouvinte. Então continuamente existe o risco de banalizar a cultura surda.

Narrativas de emancipação cultural são freqüentes na teoria crítica. Elas apontam possibilidades de identidades novas, alternativas contemporâneas a língua de sinais, promove uma práxis de desenvolvimento. No entanto sempre terá a superioridade da cultura dita universal.

2.3 A pedagogia e o currículo de surdos na teoria crítica

A pedagogia crítica tem se ocupado das subjetividades e das identidades dos estudantes e estas são sempre artefatos de formações discursivas. Contextos de lutas, aspectos históricos, tramas de poderes, representações e estereótipos são presentes.

Para Thompson (2005:34) a ambivalência acontece diante: *uma gama de valores e normas que moldam suas estratégias para indicar as habilidades que eles acreditam serem necessárias para os cidadãos consumidores* e que molda embates constantes para a cultura dominante e a multiplicidade de culturas com as quais os estudantes e as estudantes, se sentem embutidos. É a partir daí a agencia atua reinscrevendo, reafirmando, realimentando os discursos narrativos a partir dos quais devem trabalhar.

O jeito de ensinar constitui-se em percepção da ausência e presença. É como se o que tivesse em minha cultura eu deveria buscar aperfeiçoar na outra cultura. É como se a cultura surda fosse inferior. É como dizer: “ser surdo está bom, mas é melhor ser ouvinte”. É muito presente a tolerância. Para exercer a influencia sobre a produção cultural é preciso colocar-se do lado de fora. Isto significa exercer uma política de construção de alianças, de solidariedade pluralizada e hibridizada.

É própria do currículo na teoria crítica a exposição de uma imagem que admite uma representação superior de valor e uma reapresentação o vivido e o não vivido.

O currículo na teoria crítica ensina aos surdos o quanto somos diferentes da maioria e nos mantém enquanto diversidades. O currículo ensina a fazer a experiência do vivido pelo outro ouvinte que tem uma posição supostamente superior e o vivido próprio surdo em uma posição supostamente inferior.

2.4 Alguns métodos sustentados por esta teoria na educação dos surdos.

Alguns métodos em educação de surdos se sobressaem por adotar os princípios da teoria crítica. Entre eles vou citar três. Primeiramente temos o já velho método de comunicação total que não tem preocupação central com a fala, mas no modo de comunicar. O segundo é o método bilíngüe que se diverte com a concepção da posição das línguas, mas que nem sempre se constitui de forma homogênea. O terceiro é o atual sistema de inclusão dos surdos nas escolas regulares que prima pela vivência das diferenças. A seguir vamos nos deter em cada um destes métodos.

2.4.1 A comunicação total: uma mistura?

A Comunicação Total inclui uma gama de instrumentos lingüísticos, ou seja: língua de sinais, língua oral, gestos, fala, leitura labial, alfabeto manual, leitura da escrita, ritmo, dança. Em sua prática incorpora ainda o desenvolvimento da fala mediante uma atividade com repetição ritmada, dos restos auditivos com o treinamento do som para estimular através de uso constante, por um longo período de tempo, aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo. Visa desenvolver as habilidades de fala, mediante treino rítmico corporal e articulação ritmada. Para isto se serve de qualquer artefato, mesmo a língua de sinais é usada com a intenção de ensino da fala ou do português.

Desenvolvida nos anos de 1960, a Comunicação Total substituiu o oralismo que em presença da teoria crítica perde sua atitude tradicional e admite o afrouxamento dos controles rígidos do modernismo. E assim, começaram a ponderar em misturar o oralismo com a língua de sinais, bem como instrumentos que permitissem colher simultaneamente pedagogias como alternativas de comunicação.

Essa modalidade mista produziu um problema que é até hoje contestado pelos surdos, ou seja, a mistura de duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais resultando numa terceira modalidade que é o “português sinalizado”. E essa prática recebe denominação de bimodalismo, ou seja, que encoraja o uso simultâneo da língua de sinais e do português o que é inadmissível já que a estrutura de ambas línguas são diferentes e é impossível uma prática equilibrada .

2.4.2- Nas escolas de surdos, o bilingüismo com aproximação do cultural

A educação bilíngüe é uma proposta de ensino surgida nas escolas de surdos nos anos de 1970. Surgida da teoria crítica criando novas identidades para o sujeito surdo que não mais é visto como deficiente, mas com sujeito portador de uma cultura. O bilingüismo surge inicialmente da idéia usada em educação de surdos que sugere a necessidade de os sujeitos surdos serem instruídos em duas línguas. Essa proposta tem em vista que considera a língua de sinais como primeira língua e a partir daí se passa para o ensino da segunda língua que, no caso do Brasil é o português que pode ser de modalidade escrita ou oral. Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país.

Os mentores do bilingüismo percebem as necessidades de instrução do surdo de forma bastante diferente dos mentores oralistas e da comunicação total. Com o tempo o bilingüismo evoluiu. Se inicialmente tínhamos um bilingüismo que se aproximava da teoria tradicional com o tempo ele foi se transformando até atingir a idéia de bilingüismo crítico onde há mais espaço para o surdo se sentir sujeito diferente.

A realidade desta educação bilíngüe é muito divergente. Em alguns espaços escolares segue a teoria tradicional com trabalhos de correção da fala, do português como primeira língua. Outros espaços do bilingüismo usam práticas lingüísticas simultâneas, isto é português sinalizado. Outros espaços bilíngües colocam o sujeito surdo num primeiro momento em contato com sujeitos surdos para a aquisição da identidade e da língua de sinais em primeiro lugar. Importante mesmo, ainda que a presença de poucos professores surdos capacitados nestas escolas bilíngües, os quais partem para uma pedagogia mais ao nível dos surdos.

2.4.3 – Nas escolas regulares: a diversidade e a integração.

Se na teoria moderna a educação especial encontra o campo aberto para a normalização, na teoria crítica a integração a precede com o conceito de diversidade.

Operando com o conceito de diversidade cultural, o discurso da teoria crítica pede o respeito, a tolerância e o reconhecimento aos sujeitos surdos, de sua cultura e língua, sem, no entanto, questionar a norma implícita e invisível (e por isso inquestionada) do ouvintismo e sua tentativa de contenção e acomodação/assimilação da alteridade surda desde os mesmos modelos, ouvintes. Skliar(2000:8) denunciava assim: *“nesse discurso a diferença passa a ser definida como diversidade que é entendida quase sempre como a/s variante/s aceitáveis e respeitáveis do projeto hegemônico da normalidade”*.

A visão da subalternização do ser surdo por esta teoria sempre será mantida no sentido de que o surdo é para a diversidade como é para a integração. Ela sempre vai conter métodos que mantêm a atitude de suposta superioridade ouvinte.

Na integração se utiliza o termo diversidade para encobrir o que sustenta a posição da teoria crítica. Esta posição se explica no multiculturalismo que está relacionado ao reconhecimento da diversidade cultural, bem como, de semelhanças e diversidades existentes entre a forma de ser, agir e pensar de ouvintes e surdos.

Thoma expõe que muitos casos a inclusão de estudantes surdos entre alunos ditos não surdos em salas de aula, do ensino regular, o estar juntos não tem trazido resultados esperados. E diz que as razões de fracasso:

podem estar associadas a um amplo leque de questões que não foram devidamente previstas e planejadas pelas escolas, pelos docentes e pela gestão. Talvez não se tenha reconhecido o complexo conjunto de relações, discursos e representações sobre aqueles a serem incluídos que constituem as propostas educacionais e que nos constituem na relação com os estranhos e anormais. (2006:22)

Para que a inclusão ocorra temos, no Brasil, um amplo quadro que possibilita a acessibilidade às escolas como lugares inclusivos materialmente equipados. Mas a realidade é que deixa a desejar uma política interna.

Unidade III

De certa maneira podemos dizer que os Estudos Culturais em Educação constituem um a resignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e da política representada passa a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica.

Marisa Voraber Costa.

A produtividade dos fenômenos da teoria cultural em Educação

Quero de início, caracterizar o outro espaço em que me situo ao falar da teoria cultural. Isto é estou saindo do espaço da teoria tradicional, onde a repetição da deficiência, e dos estereótipos é de fundamental importância no processo de representação do surdo. Estou também saindo dos espaços da menos valia das diversidades com que o surdo é visto na teoria crítica. Quero dizer que estou percorrendo agora o espaço no qual os surdos aparecem em suas diferenças culturais. Espaços de representações e de produções. São espaços que têm práticas de significação cultural e pós-colonial. Os espaços da teoria cultural surgem como uma possibilidade onde estamos concebendo a cultura destacando seu caráter produtivo e construtivo. É o espaço onde traduzimos, reescrevemos e entendemos sob a teoria cultural as histórias contadas e repetidas nos outros espaços das teorias moderna e crítica.

Partir para o discurso que marca o sujeito surdo a altura do pós-modernismo numa dimensão que se encaixe na diferença cultural requer nova linguagem. Na teoria cultural deixamos de ser os “condenados da terra” (Fanon). Desse modo a linguagem que usamos é importante, pois se trata de outras

dimensões. Trata-se de usar uma linguagem cultural de diferença, de produção. Não mais deve aparecer o discurso da modernidade que vê o sujeito surdo na deficiência, necessitado de cura, de adaptar-se ao modelo ouvinte, nem o olhar de superioridade que a teoria crítica permite tornando o discurso ouvinte como prevaiente sobre o surdo. Criar o discurso da teoria cultural tem por princípio transformar as condições de enunciação. A enunciação do discurso da diferença cultural e da interpelação legítima do surdo enquanto sujeito cultural.

Ao ocupar-me para escrever sobre a teoria cultural e a educação de surdos quero levar a um passeio no campo teórico dos Estudos Culturais. Escolhi alguns autores que dão rumos para um contato direto com este campo, muitos dos quais bastante conhecidos como Stuart Hall (1997 e 2003), Kenneth Thompson (2005), Carlos Skliar (2003), Tomaz Tadeu da Silva (2000) Sandra Mara Corazza (1997) e Marisa Vorraber Costa (2005). Cada qual se situa a partir de um contexto em que se consegue sustentar uma diferença educacional, pois leva a esta convergência das especificidades surdas e a prever “manobras” para estratégias de atuação e criação mediante a educação cultural.

Diante do que segue, quero deixar aqui alguns territórios pelos quais vamos transitar. Vamos entrar em questões sobre os Estudos Surdos e a teoria cultural recente. Vamos entender o que é a teoria cultural em educação? Vamos perceber algumas práticas discursivas da teoria cultural na luta pela representação. A proposta da teoria da diferença? Contribuição dos Estudos Culturais para a pedagogia dos surdos. A construção de um currículo educacional de resgate as diferenças.

3.1 Os Estudos Surdos e a Teoria cultural

Os estudos surdos podem ser definidos como um espaço de investigações que avança em contato com as teorias que os impulsionam. Primeiramente os

estudos surdos nos remetem a questão do lugar teórico em que se situam. A presença de teorias como dos Estudos Culturais, pós-colonialismo, pós-estruturalismo, pós-modernismo tem promovido uma ruptura significativa e fundamental na história, na vida, nas estratégias políticas e lutas dos surdos. Uma ruptura que caracteriza um novo modo de pensar impulsiona a política e a diferença.

Em Estudos Surdos há todo um conjunto de concepções sobre os surdos emergentes em diferentes teorias. Eles se expandem em linguagens na forma de como são concebidos. Assim cito com alguns exemplos a aproximação da teoria cultural que motiva os estudos sobre cultura: identidade, língua, posições de poder, diferença, pedagogia etc.; a aproximação com a teoria pós-estruturalista traz concepções de alteridade e de subjetividade surdas contrastando aquilo, onde a visão de Foucault (2004), no livro *Microfísica do Poder* concebe o sujeito, fragmentado, despojado de uma identidade fixa essencial ou permanente ou ainda como quer uma concepção de sujeito que se constitui no interior da história no dizer de Veiga-Neto (1998).

Os Estudos Surdos, com a aproximação aos Estudos Culturais invertem aquilo que a teoria moderna denomina como deficientes, e a teoria crítica enfatiza como sendo espaço das posições dominantes e o surdo fica em posição de indivíduo inferior. Nestas teorias o surdo sempre é o problema. Isto permite compreender as posições hegemônicas e as concepções dominantes do ouvintismo, ouvicentrismo que são traduções próximas da concepção da teoria iluminista, do culturalismo, do colonialismo. Nestas salas de aula das teorias citadas, das quais se distanciaram os Estudos Surdos aprendemos como fomos os “perdedores”, como fomos tratados de deficientes, menos validos, como nos colocaram como excluídos, como direcionaram sobre nós práticas colonialistas e uma infinidade de outras ferramentas excludentes que estão por aí circulando.

A parte dos Estudos Surdos que situo como sendo do contato com a teoria

cultural recente e que não pretendo dizer que está totalmente engendrada em teoria de Estudos Culturais que permitem conceber a linguagem onde os discursos narrativos se situam e naquilo que Hall (1997), denomina como sendo o que alguns chamam de governo pela cultura. Tenho claros meus limites, as dificuldades, os desvios que esta teoria pode ocasionar. Costa nos fala da importância da teoria dos estudos Culturais para os grupos:

Os Estudos Culturais vão surgir em meio a movimentação de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentos, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem ao longo dos séculos aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentadas na educação de livre acesso (2005: 108).

É então que os Estudos Culturais vão permitir leituras do mundo, novos espaços de educação de surdos. É então que o contato com esta teoria nos permitiu escrever detalhadamente durante muito tempo, ou seja, descobrir as diferenças em que nos situamos o que somos e o que fazemos a partir desta diferença. Daí nossas posições culturais foram aos poucos sendo enfatizadas com a presença desta teoria. Entre as descobertas culturais temos alguns artefatos como a língua de sinais, a história cultural, a pedagogia de surdos, o currículo surdo, a literatura surda, a identidade surda, as artes surdas, e muitos outros. É necessário dizer que estes artefatos são muitos e que o tempo vai ajudando a desvendar. A seguir vamos partir para a movimentação que a teoria cultural promove na educação de surdos por fim descreveremos os artefatos da pedagogia de surdos e do currículo que são os principais artefatos culturais em educação.

3.2 Entrando nos Estudos Culturais em Educação de surdos

Os Estudos Culturais foram descobertos por um grupo de estudiosos na Inglaterra, em 1960, precisamente no momento em que eles pesquisavam o desaparecimento de uma cultura com valores importantes, sendo coberta por

outra cultura cujos valores deixavam a desejar. Este procedimento dos Estudos Culturais em relação à cultura permite narrar e descrever com outras ferramentas teóricas os caminhos da educação.

Aproximar da educação do surdo este campo teórico proporciona uma nova linguagem educacional, novos discursos com conotação cultural isto é novas ferramentas de trabalho que permitem outros espaços teóricos como diz Thompson:

“No caso de programas educacionais como os dos Estudos Culturais eles podem ajudar os educadores e as instituições a desenvolverem a consciência das variadas motivações e valores, assim como fornecer dados para a pesquisa que estimem os efeitos das suas políticas e praticas.” (2005: 35)

É aqui que os educadores têm uma nova linguagem, um novo jeito de ensinar. Não é mais a obrigação de ensinar o surdo a narrar-se ao jeito ouvinte, nem a obrigação de fazer com que ele se sinta subalterno, mas trazer presente a necessidade de serem sujeitos construtivos. Sujeitos que constroem a história, que contribuem para o desenvolvimento e que se auto-sustentam como sujeitos.

Os Estudos Culturais trazem presentes em educação as descobertas, os valores e mitos culturais surdos. Eles narram e celebram as criações e produções na forma do agir cultural. Assim se permite descrever de outro jeito as nossas posições, nossos procedimentos, nossos empenhos culturais como surdos. Isto, de tal forma que quando atuamos na educação dos surdos na forma como vai se constituindo, na forma como vai desenrolando, motivando a consciência e favorecendo a diferença cultural.

É visível que os Estudos Culturais também motivaram as novas descobertas e entre elas a pedagogia dos surdos. Silva (2000, p. 84) fala da teoria cultural que tem percorrido os diferentes territórios da identidade tentando fixá-la na

educação. Então na educação dos surdos aproximada à teoria cultural simplesmente procura fixar a identidade, a diferença e a alteridade como processos de produção social. Para Silva(2000) a questão da identidade e da diferença é sempre um problema presente na educação de surdos quando vista pelo prisma dos Estudos Culturais. Daí porque a pedagogia dos surdos tem outras características que as do modernismo ou do culturalismo crítico. O mesmo acontece em vista do currículo não que tange aos valores propostos para a educação de surdos.

3.3 Práticas discursivas da teoria cultural: pedagogia e currículo de surdos

Se falarmos em objetivação na teoria moderna, aqui temos de aludir a subjetivação. A teoria cultural nos volta, agora, para a produção das identidades e subjetividades que deve acompanhar a pedagogia cultural. Temos de situar o sujeito cultural em educação. Temos de descolonizar a educação. Não mais a educação no sentido de dita e falada pelos “grandes”, mas a educação no sentido de nossas vidas cotidianas em contato com o conhecimento, com base em nossas compreensões e experiências. Trabalhar a cultura como expressão de formas e valores pelos quais organizamos e damos sentido. A cultura passa a ser vista aqui como idéias, práticas, atitudes, linguagens e artefatos. No dizer de Corazza,

[...] significar fortemente a pedagogia como uma pratica de produção cultural, não mais implicada apenas na luta de classes, como também em tantas outras lutas, como as de raça, gênero, diferenças sexuais, identidades nacionais, colonialismo, etnia, populismo (2005: 105).

Ao trabalhar nosso documento “*A educação que nós surdos queremos*”³ transpusemos para o papel uma gama de valores, significados e significantes

³ Documento elaborado a partir do pré-congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no salão de atos da reitoria da UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999

que deviam fazer parte de nossa pedagogia. Notamos que o documento contrasta a representação da educação que nós surdos queremos. Ele coloca lado a lado duas construções discursivas diversas sobre o surdo. De um lado, o surdo dependente dos ouvintes porque deficiente, necessitado de cura, inventado pelos discursos da medicina e da educação especial. De outro, o surdo como sujeito cultural, como participante nas relações de poder.

O documento citado contém temas como: políticas e práticas educacionais para surdos; cultura e identidade; formação do profissional surdo. Ele nos dá importantes pistas, ao apontar os caminhos de nossos primeiros passos, desde esta “nova” perspectiva que sempre esteve potencialmente presente e com a consolidação deste espaço, pode se mostrar visível. E este documento nos mesmos termos das sinalizações dos surdos, ou seja, como narrativa surda, como reescrita da nossa cultura e pedagogia, e identidade no espaço da diferença. Desse modo, este documento foi um importante marco para a virada da pedagogia cultural e da identificação enquanto surdos.

Neste sentido, os surdos têm trabalhado na redação e divulgação do documento. Nele destaca-se questões para o currículo surdo referência e marco para a consolidação deste espaço teórico no campo da Educação de surdos, bem como para a conquista de novos espaços políticos, sociais e legais.

O currículo surdo constante no documento é uma das práticas produtivas que deve acompanhar a pedagogia dos surdos. Nele está alguns pontos distintivos para a educação de surdos em aproximação a teoria dos Estudos Culturais:

1. A possibilidade de vir a ser sujeito surdo esta atrelada a cultura. O uso da identidade cultural é um dos requisitos do currículo de surdos.
2. Introdução de estudos da cultura surda no currículo de surdos.
- 3.. A cultura surda é ao mesmo tempo local de ação e de pratica política no currículo.

4. Distinção no currículo para o que não se conhece e o que é conhecido.
5. Espaço para o que é do ouvinte, valores culturais subjacentes, por ex. língua oral, português como segunda língua e estratégias de ação para a interculturalidade.

Nesta perspectiva o currículo surdo não mantém mais o sistema de dominação. Ele inclui uma fase representativa de nossa cultura e identidade.

Unidade IV

[...] uma pedagogia e um currículo que, em oposição ao currículo baseado na cultura dominante, se centrariam nas culturas dominadas.

Tomaz Tadeu da Silva

Práticas pedagógicas e curriculares: retomando as visões nas diferentes teorias.

O jeito de ensinar e o que ensinar é a questão que vamos desenvolver nesta unidade. Se em cada uma das unidades houve alusão a esta questão é porque ela é exposta de modo a perceber a diferença e a mudança ocasionada em cada teoria.

A pedagogia e o currículo constituem-se significativamente em instrumentos para a educação e o desenvolvimento de processos de transformação que se quer transmitir aos sujeitos. Constituem-se de valores tradicionais conservados em determinadas culturas tidos como importantes. Na atualidade muitas culturas estão instituindo suas práticas pedagógicas e curriculares.

Não há uma regra sobre como se deve estabelecer a pedagogia e o currículo culturais. Nem as palavras pedagogia e currículo têm uniformidade de significação nas diferentes culturas. Há um complexo todo que permite sua flexibilidade em cada teoria. Fundamentalmente se tratam de instrumentos que são uma construção cultural, histórica e determinada socialmente de acordo com sua teorização e sua prática.

Os povos e as culturas se voltam para a questão pedagógica e curricular, pois se constituem em mecanismos de controle.

4.1 Ideologias e práticas pedagógicas e curriculares

A questão da pedagogia e do currículo se constitui alvo privilegiado, pois é cenário de valorização do ensino ou a sua degradação. É igualmente cenário de desenvolvimento de um povo ou de sua deterioração. Eles se mostram flexíveis de tal forma que se adaptam a diferentes teorias e a diferentes culturas. Também não podem ser concebidos a não ser em caráter fundamentalmente produtivo.

O currículo pode reportar a situação e objetivos de quem os institui. Temos aqui que as práticas pedagógicas e curriculares podem coagir o sujeito a uma situação de reproduzir as práticas. Este é o caso das colonizações, de necessidades de substituir culturas marginalizadas e impor valores. Neste caso o sujeito se torna passivo. De outro modo, pode uma cultura pensar princípios mais ativos o que tornar o sujeito num ser produtivo a partir de sua instauração de nova ordem.

E assim as práticas pedagógicas e curriculares podem estabelecer os sujeitos que somos, seja o que reproduzimos em um sistema de nos narrarmos ouvintes, seja uma assimilação de desenvolvimento e contribuição para o desenvolvimento cultural.

As nossas vidas culturais como sujeitos surdos é estabelecida em grande parte pelas práticas pedagógicas e curriculares. Ser surdo e viver na cultura surda, em nosso tempo, significam não mais ter o presente como continuidade do passado sob a obrigatoriedade de narrar-se como ouvinte. A história da migração pós-colonial, as poéticas do exílio, as políticas da diáspora cultural,

são deixadas no passado. Viver no presente, no cultural significa viver no novo. Assumir a diferença, o ser surdo. Viver o pós-modernismo, apresentar os discursos narrativos na ordem para a construção, para a política e a identidade educacional.

Uma questão de ambivalência parte do pressuposto de que a homogeneização cultural ronda as pedagogias e currículos surdos. Na verdade concepções universais e concepções das diferenças sempre estarão presentes. Assumem diferentes nuances em alguns casos se mostram mais próximos, em outros se afastam possibilitando a continuidade da experiência humana enquanto cultura.

A crítica à reprodução da pedagogia e do currículo tais como o planejamento sobre como ensinar, o que ensinar, bem como as práticas de avaliar, sempre incide em novos mapas da pedagogia e do currículo. Daí percebemos que o currículo não é algo produzido, pronto. As produções que se sucedem na história têm o registro das resistências e reconhecem as tendências da instituição escolar em reproduzir o dominante.

4.2 Séculos sem pedagogia e currículo surdo

Como vimos na modernidade, o fazer pedagógico do povo e do sujeito surdo está praticamente anulado. E mesmo o discurso curricular referente aos surdos, ou seja, o currículo surdo estava completamente impedido de exercer qualquer influência sobre a educação dos surdos.

Mas isto não foi sempre assim. Nos inícios do século XIX, em Paris, surgiram alguns professores surdos que se sobressaíram pela fluência na língua de sinais e na língua francesa. Pelo que atestam escritos estes professores surdos conscientes de sua identidade cultural como surdos foram também excelentes

educadores, entre eles a história registra Ferdinand Berthier⁴, Laurent Clerc, Lenoir e Eduard Huet. Eles se formaram professores de elite e o pesquisador surdo: Paddy Ladd, professor da universidade de Bristol, na Inglaterra comenta:

Não se deve inferir que um único discurso surdo existia. Os banquetes de Paris reuniam uma elite masculina, eles também se dissolviam e se reuniam em torno de argumentos baseados em termos políticos surdos, tais como as prioridades políticas que a comunidade enfrentava no momento. Todavia, os textos dos banquetes revelam não somente um alto nível de discurso surdo, mas o fato de que esses discursos contemplavam também certos princípios com os quais surdos menos literatos e oradores se identificavam. Nesse sentido parece existir neles uma base unitária para outros discursos que, de outra forma, poderiam parecer divergentes. (2003 : 112)⁵

Esta história do discurso de professores surdos faz antever a presença da pedagogia de surdos e do currículo surdo. Remete ao momento em que, naquele século, os professores surdos decidiram mobilizar os surdos em um banquete comemorativo. Se a idéia era exaltar, de início, o homem ouvinte em que ele favoreceu a entrada da língua de sinais na educação de surdos, tal efeito reverteu-se na descoberta da subjetividade surda como sujeitos culturalmente diferentes. Notadamente os registros das Atas dos Surdos de Paris não se voltaram logo contra os discursos dominantes, mas para a diferença cultural. Assim surgia um grupo representativo⁶ dos surdos, como parte do todo: professores, pintores, gravadores, empregados, sumidos da elite, todos movidos por uma necessidade de encontrar-se. Não era então a referência da discriminação, mas a descoberta da alteridade surda essencial na articulação das identidades diferenciais que podiam identificar o surdo.

⁴ Ferdinand foi um dos professores surdos do Instituto de Paris. Ao que conta este Instituto tem vários outros professores surdos.

⁵ Tradução do original em inglês por Janie Gonçalves.

⁶ Fundação da primeira Associação de Surdos no mundo acontecida em Paris.

A partir daí a atividade de ensino aos surdos nas escolas para este fim construídas passou a ter mais impulso com pedagogia e currículo surdos. A história cultural guarda dois fatos valiosos que por si mesmos atestam a eficiência desta pedagogia e currículo surdos. Eis aqui eles sendo que seus registros se encontram facilmente e suas citações são repetitivas e citadas em vários autores. O primeiro fato trata da ida de Laurent Clerc, em 1815, para os Estados Unidos. Sua presença naquele país fez com que fosse possível a fundação da escola de surdos em Connecticut que 50 anos mais tarde viria a ser o que é hoje a Universidade de Gallaudet. O segundo fato refere a vinda de Eduard Huet para o Brasil e a conseqüente fundação do Instituto de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. De Huet sobraram umas poucas notícias referentes a que educou em pouco tempo 7 alunos surdos com sua pedagogia de ensino aos surdos. Depois de três anos, os resultados das experiências de Huet foram expostos ao público presente, entre eles estava o monarca do Brasil D. Pedro II. Este grupo de surdos mostrou visível aprendizagem com a leitura e escrita de textos em português bem como de outros conhecimentos e sobre significados de palavras.

O que deduzimos disto é que no passado, por um curto espaço de 80 anos os surdos puderam sentir a diferença. O currículo e a pedagogia de surdos se espalharam rapidamente e mais escolas de surdos foram fundadas em Paris, na França e em toda a Europa. Hoje uma nostalgia cerca estes relatos pela pedagogia e currículo na diferença surda e estes feitos contam ensinamentos valiosos.

Em 1880, naquele Congresso de Milão, com a proibição da língua de sinais os ouvintes assumiram a educação de surdos, e a pedagogia e o currículo surdo tiveram provavelmente de desaparecer e viria a invenção da correção da fala, o retorno da pedagogia não surda. A pedagogia de surdos, por muitos anos continuou a ser inventada por ouvintes.

4.3 A pedagogia dos surdos na teoria cultural uma visão possível.

Os campos teóricos dos Estudos Culturais favorecem as pedagogias culturais. As leituras do mundo que realizamos enquanto surdos, são permeadas por nostalgia, uma nostalgia cultural na expressão de Madan Sarup (1995) *as certas coisas que gostaríamos de ter, ser e fazer*. São estas questões nostálgicas que movimentam a política por uma pedagogia dos surdos transparente nos discursos narrativos de professores e estudantes surdos e por vezes estranhando alguns discursos ouvintes. Estas certas, cativantes e originais coisas que *gostaríamos de ter, de ser e de fazer* são incontidas vezes no mundo moderno apresentadas como transgressões, como desconstruções. Inversões e substituições que a teoria cultural ensina a superar quando se trata de escrever o texto de referencia da pedagogia de surdos.

Interfere na construção da pedagogia dos surdos, a centralidade da cultura surda onde ela tem muito mais que as necessidades intelectuais e políticas. Agencias emergentes de tradições, de experiências, de aspectos inconscientes acompanham seu desenrolar. Converge no sentido de que a política de identidade seja individual, seja grupal traz em si inquestionáveis repertórios de pedagogia. Não centrados em torno da reivindicação, mas na necessidade constante de ser, de transmitir, de ensinar que emerge do sujeito cultural. Repito que o sujeito cultural surdo é dócil e constrói a partir de um deslocamento histórico-nostálgico fragmentado na diáspora do exílio, em atividades secretas, na intimidade intersticial. Uma intimidade que questiona, mexe, com as esferas de experiência social, mas que habita o interior, a quietude do produzir. O centro das discussões da pedagogia dos surdos emerge da soberania da cultura surda, na circulação do deslocamento social, na afirmação de identidade, de posições de poder, de presença de pedagogia surda. O centro das discussões é a captação, a reinscrição do próprio, do pedagógico. Neste ponto os estudos culturais com sua agencia e as suas linguagens possibilitam transcodificar esta pratica cultural. Daí porque conseguimos a forma significativa, no espaço cultural a presença instigante do

discurso narrativo traduzindo a representatividade, moldando os embates, impulsionando a política, solucionando os processos complexos estabelecendo as bases menos solidificadas da pedagogia dos surdos.

O impulso para as leituras do mundo sob a ótica surda por vezes desprezam, transgridem, mas não é em vista desses objetivos que a política pedagógica surda se desloca. As formas de rebelião, de mobilização, de subversão, de transgressão são mais salientes quando vistas de fora. São rebeliões contra a agência das teorias moderna e crítica nos meios culturais surdos, devidas aos estranhamentos do enquadramento naquela mesmidade do outro ouvinte com suas tendências de programas educacionais contendo normas consideradas uma ambivalência e que molda embates constantes para a cultura do surdo, reinscrevendo, reafirmando, realimentando os discursos narrativos pela diferença.

Este momento de distanciamento estratégico das teorias moderna e crítica, a presença da teoria cultural e o discurso narrativo surdo deixa transparecer o produzir constante da política pedagógica cultural surda, um produzir ao jeito surdo na aproximação da teoria cultural.

4.4 O currículo surdo um campo de luta pela identidade

Algumas idéias envolvendo os Estudos Culturais começam a repetir-se nos textos do currículo surdo. Parto do pressuposto de que é possível a incorporação de princípios culturais no currículo já que essa teorização garante a preservação dos achados culturais. Entre eles destacam-se as preocupações de subjetividade e identidade.

Silva define o currículo em Estudos culturais como: [...] *um artefato cultural em pelo menos dois sentidos: 1) a “instituição” do currículo é uma invenção social como qualquer outra. 2) o “conteúdo” do currículo é uma construção social.*

(1999:135) Assim sendo, um currículo é uma construção, uma organização cultural implícita e visa e uma distribuição de conhecimentos que motivam constituir interesses culturais e a estabelecer as relações entre eles.

Na construção do currículo surdo os professores surdos se valem da sala de aula para construir junto aos seus pares as estratégias de identificação. Estes artefatos de identificação são constituídos e produzidos dentro de um contexto político tal como o é a cultura surda.

A cultura, no entender dos fundadores de Estudos Culturais deve ser compreendida como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano. E nesta visão não há qualquer diferenciação qualitativa entre um currículo de ouvintes e um currículo de surdos que através desta ferramenta decide suas necessidades de sobrevivência.

4.5 Estudos Surdos – os artefatos culturais e na educação dos surdos

Em Estudos Surdos os esforços se concentram e os artefatos culturais vão tomando forma e sendo ampliados adotando sempre novas posições. É desta forma que os artefatos da pedagogia e do currículo, em suas bases mais tradicionais em educação dos surdos se derretem ante a influência da cultura surda. Sempre estão em constante produção, em constante modificação. As teorizações já incorporadas refletem que eles lançam numa nova visão, dando adeus as metanarrativas. Dessa forma qualquer é preciso ter claro que a iniciativa na escola seja na pedagogia ou no currículo deve integrar um projeto emancipatório voltado para a eliminação de qualquer contexto de dominação e prevalência ouvintes e para a construção de uma intersubjetividade cultural surda.

Não se trata de procurarmos uma pedagogia ou um currículo puro, pois isto não vem em questão. Diante das possibilidades da interculturação

compreendemos as trocas que se realizam entre as diferentes culturas. Há hibridismos culturais e se nos detivermos a mapear suas presenças possivelmente seria interessante, porém a necessidade de aqui irmos em frente com as perspectivas culturais da diferença nos remete a ela.

O que está em movimento são as práticas docentes, aquilo que constitui como construções culturais. São as realidades do currículo e da pedagogia sendo usados como práticas de controle e de significação. São estas realidades que abarcam as descobertas de mais artefatos culturais, ou seja, as pesquisas que se sobressaem sobre a identidade enquanto ser sujeito surdo, ser povo surdo, as línguas de sinais, a pedagogia surda, a história cultural, a literatura surda, a interculturalidade e muitas investigações que surgiram e surgem sobre o sujeito surdo.

Conclusão

Portanto, essa representação do professor surdo envolve a celebração de possibilidades através da construção cultural de que é uma luta da própria expressão da identidade do qual permanecem as possibilidades para valores [...], apesar de construir uma política da diferença enfatizando pelos povos surdos contra a prática dos ouvintismos e uma revelação de como o professor surdo representa dentro da pedagogia de que está relacionada as diferenças para buscar de uma representação a partir da identificação á cultura, á língua de sinais, á alteridade e á identidade.

Flaviane Reis

O estudo das teorias da educação de surdos se constitui em um instrumento para nos conduzir entre as mais diferentes etapas que a história registrou e registra sobre os surdos, os aspectos de exclusão, de marginalização e de ascensão cultural são aí delineados facilmente.

Espero que após o contato com estas poucas, mas diferentes teorias que ocuparam estas páginas você possa, como educador, ter condições teóricas e práticas de indagar: O que já sabemos e fizemos em educação de surdos em pedagogia e currículo? O que, daqui para frente, poderemos fazer com estas teorias? Temos condições de responder por estas teorias? Já sabemos muita coisa e temos possibilidade de sabemos outras tantas?

Nenhuma teoria ultrapassa ou substituí a educação e os currículos anteriores, em direção ao melhor, mais avançado, mais perfeito. Mas, cada teoria, cada pedagogia e cada currículo, cada um de nós, surdos e não surdos, políticas, povos, sujeitos somos em metamorfose. Somos híbridos, multifacetados,

multiculturais, de traços diferentes. Somos velhos e novos, surdos e não surdos. Somos sempre muitos, que constroem o desafio educacional do hoje.

A educação na modernidade, ao modo Iluminista, teve seu aspecto importante pelo que realizou, em prol de grupos surdos subalternos. Os engajamentos e as militâncias dos professores surdos e tudo o que preparou no caminho para o tempo que vem depois. Igualmente as teorias modernas e crítica trouxeram suas contribuições a seu tempo. Se foi necessário nos narrarmos como ouvintes e se foi necessário sermos subalternos é para que hoje consigamos respeito enquanto surdos, enquanto cultura no cenário mundial.

E finalmente, este é um tempo que posso dizer: babélico. Há mapas plurais de diferentes teorias em educação de surdos, em que estamos tão desafiados, como educadores, que chegamos a nos sentir sufocados. Em Educação, é tempo dos Estudos Culturais, da pedagogia de surdos, do pensamento no pós-estruturalismo, pós-colonial, pós-moderno, filosofias da diferença, pedagogias do outro. Novos horizontes... É momento de sermos educadores situados em nosso tempo, mudar o mundo para melhor. É preciso autenticidade. É preciso nos manter a altura do nível cultural que conquistamos.

Bibliografia

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino, uma estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antonio Flavio (Org.) *Currículo: questões atuais*. Campinas. SP: Papyrus, 1997.
- COSTA, Marisa. Estudos Culturais e educação: um panorama. In SILVEIRA, Rosa Maria. (Org.) *Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em educação*. Canoas: ULBRA, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Porto Alegre: *Educação & Realidade*, v.22, n.2, 1997
- LINS, Daniel. Manguê's Shool ou por uma pedagogia rizomatica. Campinas: *Educação & Sociedade*. Vol 23. n 93 2005.
- LADD, Paddy. *Understanding Deaf Culture : In Search of Deafhood* Clevedon : Multilingual Matters, 2003.
- LUNARDI, Márcia Lise. Família e escola: uma dobradiça no processo de normalização da criança surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Org.). *A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos..* Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.
- SARUP.Maddan. Hogar, identidad y educación. In vários. *Volver a pensar la educación*. Volume I Madrid. Morata. 1995
- SILVA, Tomás Tadeu da. A Produção Social da identidade e da diferença. In SILVA, T. (Org.) *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Tomaz. Documentos de Identidade. Uma introdução às terias do currículo. - Belo Horizonte: Autêntica, 1999

SKLIAR, Carlos Bernardo. *A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade* in: Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, 2000.

SKLIAR, Carlos Bernardo. Os Estudos surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. e LUNARDI, Márcia Lise. Estudos Surdos e Estudos culturais em Educação: um debate entre professores ouvintes e professores surdos sobre o currículo Escolar. In LACERDA, Cristina. *Surdez: Processos educativos e subjetividade*. S. Paulo: Louvise, 2000.

SOUZA, Regina Maria. Educação de surdos e questões de norma. In Lodi, A. C. B. (Org). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002. (120-128).

THOMA, Adriana da Silva; Educação de surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Org.). *A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos..* Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

THOMPSON, Kenneth. Estudos Culturais e educação no mundo contemporâneo. In SILVEIRA, Rosa Maria. (Org.) *Cultura, poder e educação Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: ULBRA, 2005.